Revista Diálogos Mediterrânicos
www.dialogosmediterranicos.com.br
Número 19 – Dezembro/2020

Resenha de AURELL, M. *Aliénor d'Aquitaine*. Paris: PUF, 2020. 135 p.

Marcella Lopes Guimarães•

Enviado: 10/07/2020
Aprovado: 30/10/2020

O título desta resenha faz referência explícita ao clássico de Paul Zumthor (1915-1995), *A Letra e a voz* (1985), a partir de uma analogia, quase licença poética, com a afirmação do medievalista suíço no início desse seu trabalho: "a voz foi então um fator constitutivo de toda obra que, por força de nosso uso corrente, foi denominada 'literária'"[1]. Uma analogia com dois interesses. Em primeiro lugar, *Aliénor d'Aquitaine* de Martin Aurell, publicado pelas Presses Universitaires de France, é a transposição de um ciclo de conferências realizadas para a livraria sonora Frémeaux[2]. No "Avant-propos", declara-se: "[o livro] guarda então os traços de oralidade. Seu tom pedagógico, às vezes familiar, corresponde ao curso no anfiteatro, em que um professor quer captar a atenção de seu jovem auditório"[3]. Assim, a maior riqueza do pequeno livro de Martin Aurell é a forma como ele consegue ser fiel à habilidade do professor-autor, que sabe *falar* aos seus jovens alunos, recém-chegados ao curso de História da Universidade de Poitiers, aos seus pares e ao público culto interessado em Idade Média. O encanto do livro está, assim, na *letra* que persegue a *voz* do narrador formado, entretanto, pelos *Annales*, na tentativa de recompor elementos da biografia de uma mulher duas vezes rainha e neta do primeiro trovador conhecido, Guilherme da Aquitânia; ela também protetora de trovadores. Com isso, encerro o segundo interesse de minha analogia com o mestre Zumthor.

Martin Aurell é professor de História Medieval na Universidade de Poitiers, diretor do Centre d'études de civilisation médiévale (CESCM[4]) e editor da revista *Cahiers de civilisation médiévale*[5], editada desde 1958. Tem uma larga produção científica e seus principais interesses de pesquisa podem ser conferidos na entrevista concedida à Revista *Diálogos Mediterrânicos* 19.

• Professora de História Medieval da UFPR. Membro do corpo permanente de professores do PPGHIS/UFPR. Pesquisadora do NEMED/UFPR e do LADIH/FURB.
[1] ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 9.
[2] Conferir em: <https://www.fremeaux.com/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.product_details&flypage=shop.flypage&product_id=1929&Itemid=13> Acesso em 25 de junho de 2020.
[3] "Avant-Propos" in AURELL, Martin. *Aliénor d'Aquitaine*. Paris: PUF, 2020. Todas as traduções realizadas da obra do Martin Aurell são de minha autoria e responsabilidade. Doravante, todas as referências e citações da obra provenientes desta edição serão identificadas no corpo do texto, como (ADA, página).
[4] <https://cescm.labo.univ-poitiers.fr/> Acesso em 25 de junho de 2020.
[5] <https://ccm.cnrs.fr/> Acesso em 25 de junho de 2020.

O prefácio ("Avant-propos") já referido entrega a "teatralização" do texto. Mas como esse aspecto enriquece a obra? Escolho "índices de oralidade"[6]. Na fala, não cabem notas de rodapé. Assim, Martin Aurell enfrenta a distância entre a vida da sua protagonista e a do seu "auditório" por meio da intercalação de explicações precisas e bem medidas, em forma de apostos, orações adjetivas ou mesmo advertências sutis. Na primeira fase da vida de Leonor da Aquitânia, na altura em que Martin Aurell aborda a participação de Luís VII na 2ª cruzada, em contexto em que se misturam o remorso do rei pelo Desastre de Vitry (1143) e a mediação de Bernardo de Claraval para apaziguar o monarca e Thibaut IV de Blois e Champagne[7], Martin Aurell menciona os templários: "esses monges guerreiros que mantêm os Estados latinos do Ocidente, mal aceitos pelos seus contemporâneos, beneficiam-se de um retorno à graça quando Bernardo de Claraval e o papa tomaram a sua defesa" (ADA, p. 31). Nesse aposto, o professor identifica o grupo no contexto da presença dos latinos no oriente (está abordando a 2ª cruzada!), revela um desconforto do contexto e entrelaça Bernardo, que havia sido mencionado na mediação da paz, aos guerreiros, ou seja, constrói uma explicação breve e eficaz, em que todos os personagens ocupam seu espaço, sem fugir ao seu propósito que é analisar a trama da presença de Leonor na 2ª cruzada e sem sobrecarregar o período sintático. Na segunda fase da vida da protagonista, a partir do seu casamento com Henrique II Plantageneta, Martin Aurell enfrenta a apresentação do império Plantageneta ao público, e no caso, prefere uma advertência sutil: "Quando se fala de Inglaterra, *não se pode confundir com a Grã Bretanha*, pois a Escócia tem uma dinastia independente, mesmo se seu rei rende homenagem ao rei da Inglaterra..." (ADA, p. 47, destaque meu). Também adverte o público quando aborda o sentido do termo latino *familia* (ADA, p. 53). Assim, avisa à assistência que entidades homônimas não são realidades iguais.

Como professor, deve contextualizar o que pode não ser óbvio ao público. Assim, no episódio da grande revolta de Leonor e seus filhos (1173), contra o rei Henrique II, episódio fundamental para a explicação dos anos de cativeiro da rainha, Martin Aurell se vê obrigado a abordar aspectos físicos dos confrontos à época. Abre mão do tom de advertência para uma breve digressão: "No século XII, os cavaleiros não portam ainda as armaduras de placas como as que podem ser vistas habitualmente nos museus, que se difundem somente a partir do século XIV e, sobretudo, no XV" (ADA, p. 82). O contexto é a discussão do poder destrutivo de uma arma, a arbaleta. Assim, o professor antevê algum

[6]"Tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua publicação". ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Tradução de Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 35.
[7]A guerra entre o rei Luís VII e Thibaut IV de Blois e Champagne tem por motivo emergente o repúdio da irmã de Thibaut por parte de Raul de Vermandois, por ocasião do casamento deste com a irmã mais nova de Leonor, Petronilha. O desastre de Vitry é um capítulo trágico do confronto. Quando do ataque e da pilhagem da cidade pelas tropas do rei da França, a população se refugia na igreja que é incendiada, o que provoca a morte de centenas de pessoas.

conhecimento do público que frequenta museus e aproveita para refinar esse repertório. A digressão serve ainda a dois propósitos muito importantes no livro: o diálogo com a historiografia e com as fontes. Em ambos os casos, Martin Aurell se torna um narrador, como quando aborda o enquadramento psicologizante da relação de Leonor e dos filhos, no final dos anos 60 do século XX (ADA, p. 52) ou quando examina a importância que a historiografia atribuiu à proteção dispensada por Leonor aos trovadores (ADA, p. 75). No caso das fontes, chamando a atenção do público logo no início de um assunto: "os cronistas medievais percebem a revolta de forma diferente de nós" (ADA, p. 94) e vai examinando essa percepção segundo o conjunto de saberes disponíveis a esses homens que escreviam e interpretavam os acontecimentos. No meio de uma explicação que vai se alongando, talvez tema que o público seja enredado, então chama-o novamente à diferença: "Como mulher madura, menopausada, ela [Leonor] não está mais submetida à natureza, *sempre, bem entendido, segundo a mentalidade da época*." (ADA, p.96, destaque meu).

Como homem muito mais próximo do auditório e do leitor, entrega aqui e ali impressões muito pessoais e possibilidades de leitura dos eventos do passado. Para Martin Aurell, Leonor ficou "fascinada" por Constantinopla (ADA, p. 34); a travessia para Jerusalém, por Damasco, foi "ideia fixa" do rei (ADA, p. 37); "sem dúvida" foi a morte do Abade Suger que pesou na decisão equivocada do divórcio do rei Luís VII de Leonor (ADA, p. 39); Leonor teve duas filhas do rei da França, "é talvez a verdadeira causa da separação" (ADA, p. 41); na Inglaterra, "Leonor foi objeto de xenofobia" (ADA, p. 43); até a revolta de 1173, Leonor e o segundo marido "vivem um período feliz" (ADA, p. 73).

Todos esses índices de oralidade, em forma de apostos, orações adjetivas, advertências, orientações, opiniões e digressões breves perpassam cada uma das partes da obra. Martin Aurell não espera o leitor propor a questão que os "súditos" de todas as épocas de Leonor da Aquitânia têm na ponta da língua: Leonor foi uma mulher de exceção ou não?, apenas desenvolve cada linha de resposta de forma paciente. Divide a existência de sua longeva protagonista em quatro momentos: 1. "Uma juventude no tempo das cruzadas"; 2. "Uma maturidade com e contra Henrique II da Inglaterra"; 3. "A Grande revolta" e 4. "O poder aumentado de uma viúva". Na primeira parte, Martin Aurell explica brevemente a linhagem de Leonor, traz seu pai e seu avô à cena, o conde Guilherme VII de Poitiers e IX da Aquitânia; aborda a condição de herdeira requisitada e maior, ainda que adolescente; seu casamento com o rei Luís VII, as questões delicadas dessa relação que faz ferver a imaginação dos medievalistas e romancistas; a 2ª cruzada; a construção da péssima fama da rainha e a separação do casal real. Na segunda parte, "Uma maturidade com e contra Henrique II da Inglaterra", Martin Aurell explora a maternidade; os conflitos de interesse e os conflitos políticos na Inglaterra; o caso de

Thomas Becket, preceptor dos filhos da rainha; as disputas com o segundo marido e seu mecenato. Em "A Grande revolta", Martin Aurell precisa explicar interesses conflitantes dessa insubordinação cheia de atores, confronta a historiografia, lança suas hipóteses para responder aos aludidos "ciúmes" de Leonor da dama Rosemonde, amante de Henrique II. Para Martin Aurell, a explicação da revolta que termina mal para a sua protagonista está entre a condição da juventude desprovida de bens e a política autocrática do rei da Inglaterra. Nesse segmento, o autor-narrador ainda aproveita para abordar a condição das mulheres e compara a sua rainha a outras damas insubmissas, envolvidas na mesma revolta. Henrique II Plantageneta perdoa mais rápido os filhos que a esposa e ela amarga 15 anos de cativeiro, só mitigados pela perda de seu filho Henrique o jovem... A terceira parte se encerra com a morte do rei da Inglaterra, só e vítima da rapina de seus próprios criados. Na 4ª parte, Martin Aurell "liberta" Leonor, junto com Ricardo Coração de Leão, logo nas primeiras notícias da viuvez da rainha. Em "O poder aumentado de uma viúva", sobressai uma rainha madura e muito distante da aposentadoria: seu filho vai às cruzadas, ela governa; seu filho precisa de uma esposa, ela vai ao rei de Navarra solicitar uma filha; seu filho é capturado, ela escreve ao Papa e reúne o resgate; a casa de França precisa de uma noiva, ela vai a Castela trazer uma neta; Ricardo morre e ela se esforça para fazer recair sobre João a coroa, em detrimento do neto Artur... Em Fontevraud, a (sua) figura esculpida lê, o repouso enfim.

Os quatro parágrafos da conclusão fecham cada uma das partes da existência de Leonor da Aquitânia, como Martin Aurell a compreendeu. Da condição de herdeira de um largo domínio, à jovem rainha da França, à rainha madura da Inglaterra, disposta a confrontar o marido para defesa de sua esfera de governação, dos filhos, derrotada em campo, travestida mesmo de homem (!), cativa e sobrevivente, até viúva guardiã do império Plantageneta que naufraga com a sua morte... Se na vida de Leonor estão sintetizadas todas as possibilidades de uma rainha do século XII (ADA, p. 133), se ela cumpre todas as expectativas do seu papel e chega a todos os lugares disponíveis à sua condição, segundo Martin Aurell, fica claro para ele, para seu público e leitores, que ela ultrapassa e foge sim à toda sorte de condição ordinária (ADA, p. 11).

Martin Aurell é o narrador de uma vida extraordinária que descortina aos poucos para o público, mas nunca se impõe como voz exclusiva. Conversa com os documentos e com os pares, e os índices de oralidade colaboram para a riqueza desse empreendimento, em que cabe até uma pequena *plaisanterie* com os mestres. Acho legítimo entregá-la na língua que o pesquisador adotou[8]. Ao contrapor a impressão negativa do grande Jules Michelet sobre Leonor, Martin Aurell se permite:

[8] Martin Aurell nasceu em Barcelona.

"J'ignore quelle expérience Michelet pouvait avoir des Méridionales mais l'on devine le poncif évident: sang chaud, passion, vendetta..."[9] (ADA, p. 14). O público ri com Martin Aurell, do velho mestre rigoroso, Michelet.

Leonor da Aquitânia é uma individualidade imensa. Martin Aurell enfrenta o desafio, cita outras biografias e oferece ao público sua síntese. A obra editada pelas Presses Universitaires de France instiga o leitor a saber mais. Então, ela compreende uma cronologia breve e uma bibliografia também sucinta. Cumpre seu papel de instigar estudantes, os pares e o público culto interessado em desvendar esse período riquíssimo a que chamamos de Idade Média, por meio da vida de um personagem fascinante e para o qual converge boa parte dessa riqueza que não cessa de seduzir gerações.

[9] "Eu ignoro que experiência Michelet podia ter das meridionais, mais se entrevê o clichê negativo: sangue quente, paixão, vendeta..."